

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT20.002

A EDUCAÇÃO COMO PROJETO DE FUTURO: PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM IMAGINANDO SUA ATUAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19

ALICE DOS SANTOS VASCONCELOS

Doutoranda do Curso de Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, alice.vasconcelos.res@ufpe.br;

TACIANA FEITOSA DE MELO BRECKENFELD

Doutoranda do Curso de Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, taciana.breckenfeld@ufpe.br;

MARIA ANGÉLICA BANDEIRA BRASILEIRO

Mestranda do Curso de Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, angelica.bandeira@ufpe.br;

ANA KARINA MOUTINHO LIMA

Professor orientador: Doutora em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Professora de Pós graduação do PPG em Psicologia Cognitiva da UFPE, ana.mlima@ufpe.br.

RESUMO

O profissional de enfermagem está presente nos processos de cuidado em todas as fases da vida, do nascer ao morrer, sendo vital na implantação e manutenção do Sistema Único de Saúde (SUS). Durante a pandemia da COVID-19 esta profissão ganhou visibilidade especial, contudo, também enfrentou um cenário de negacionismo científico, precarização nas condições de trabalho, falta de preparação técnica e de recursos no SUS. Nesta pesquisa, objetivou-se investigar como profissionais de enfermagem revisitam suas experiências de atuação na pandemia e imaginam seu futuro profissional. Partimos do referencial teórico-metodológico histórico-relacional desenvolvido por Zittoun e colaboradores e da psicodinâmica do trabalho de Dejours. Participaram deste estudo duas profissionais de enfermagem de um hospital de Recife-PE. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas e a produção de uma Cápsula do Tempo, técnica metodológica desenvolvida neste estudo. Como resultados, foram identificados: 1) as

participantes trouxeram que, durante a pandemia, houve o medo da própria morte e de ser vetor de contaminação para terceiros, interferindo no autocuidado e nas relações interpessoais; 2) suas imaginações de futuro estiveram relacionadas com projetos de educação continuada, como pós-graduação e estágios; 3) o prazer no trabalho as incentivou a projetar o desenvolvimento profissional na educação, contudo sinalizam desafios enfrentados: cargas horárias excessivas, condições de trabalho insalubres e baixa remuneração. Nesse sentido, apontamos a importância da imaginação na revisão do passado e na construção do futuro profissional das participantes. Ademais, discutimos que a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, preconizada pelo SUS, ainda encontra barreiras na propiciação do contínuo aprendizado dos profissionais. Por fim, pontuamos a necessidade de políticas públicas que proporcionem melhores condições de acessibilidade na oferta de cursos, espaços dialógicos para fortalecimento da identidade profissional, e iniciativas para reconhecimento político-institucional, viabilizando a concretização da educação permanente que já é presente e desejada no imaginar das profissionais sobre seu futuro.

Palavras-chave: Imaginação, Enfermagem, Educação Permanente, Pandemia COVID-19.

INTRODUÇÃO

Com a rápida propagação global da variação do coronavírus SARS-CoV-2 no início de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia, isto é, uma emergência sanitária a nível mundial. A COVID-19, como ficou popularmente conhecida a doença, apresenta uma alta taxa de transmissibilidade, causando síndromes respiratórias e necessidade de cuidados intensivos em casos graves (LI et al., 2020). Apesar de o vírus continuar ativo hoje, o declínio das mortes e hospitalizações, juntamente com o aumento da imunidade populacional, com a introdução de vacinas, permitiu que a OMS anunciasse o fim da pandemia (OPAS, 2023). O período demarcado por essa organização como uma pandemia se estendeu de março de 2020 à maio de 2023. Nesse período, houveram mais de 670 milhões de casos confirmados da doença em todo o mundo. No Brasil, foram registrados mais de 37 milhões de casos confirmados, sendo quase 700 mil mortes (JOHNS HOPKINS CORONAVIRUS RESOURCE CENTER, 2023; BRASIL, 2023).

A pandemia tornou-se um grande desafio mundial, sendo necessárias várias adaptações cotidianas nas mais diversas áreas como saúde, educação e trabalho. Como consequência mais direta, houve sobrecarga nos serviços de saúde: superlotação de pacientes, escassez de leitos e equipamentos de proteção individual (EPIs) e carência de profissionais disponíveis e capacitados para atuação na linha de frente (AVELAR et al., 2021). Embora a pandemia tenha afetado todo o globo, ela foi experienciada distintamente por esses profissionais. Enquanto a maioria da população foi incentivada a permanecer em suas casas, a fim de conter a disseminação da doença, os profissionais da saúde foram afastados do convívio social geral, sujeitos a altos riscos de contaminação (OLIVEIRA et al, 2020). Até o final de 2021, mais de 4,5 mil profissionais da saúde morreram devido às complicações da COVID-19 (INTERNACIONAL DE SERVIÇOS DE SAÚDE, 2022).

Além dos riscos para a saúde física, a atuação direta dos profissionais da saúde contra a doença resultou em altos índices de sofrimento e adoecimento psíquico, como *burnout*, insônia, ansiedade, depressão e sinais de estresse psicológico aumentado (LI et al., 2020). A equipe de saúde desse setor estava em situação de especial vulnerabilidade, já que a UTI, local de assistência aos pacientes críticos, foi altamente sobrecarregada com pacientes com os sintomas mais fortes da COVID-19. Ademais, mesmo com o aumento de 150% de leitos no primeiro ano de pandemia no Brasil, as UTIs permaneceram com lotação máxima durante boa parte

da pandemia (LOBO; MELLO, 2021). Como resultado desse cenário, foi registrado um aumento significativo na taxa de mortalidade dos pacientes nas UTIs brasileiras durante a pandemia (LOBO; MELLO, 2021). Não é de se espantar que os profissionais de saúde, na maioria dos entrevistados (71%), reportaram expectativas negativas e de incerteza sobre o seu futuro (LOTTA *et al.*, 2021).

Outra fragilidade observada no período pandêmico foi a realocação de profissionais de saúde de diversas áreas para atuarem como intensivistas na equipe da UTI, apesar de não possuírem especialidade ou experiência prévia na área (LOBO; MELLO, 2021). A fim de contornar essa situação, uma das estratégias utilizadas por alguns centros de saúde foi a capacitação dos profissionais atuantes por meio da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS) (CUSTÓDIO; GOMES; ALVES, 2021; ZINGRA *et al.*, 2020). A PNEPS foi instituída na Portaria n. 198 em 13 de fevereiro de 2004 e estabelece as diretrizes para o desenvolvimento dos profissionais do SUS, articulando a tríade ensino-serviço-comunidade (SOBRINHO; LEMOS, 2021). Vendruscolo e colaboradores (2021) defendem que a Educação Permanente em Saúde (EPS) é um processo educativo que permite melhores práticas dos profissionais da saúde. Todavia, também é apontado que a sobrecarga de trabalho não permite que a equipe de saúde consiga dedicar tempo para o estudo, reflexão e pesquisa (VENDRUSCOLO *et al.*, 2021), como foi o caso da pandemia.

Destaca-se ainda que, dentre os diversos profissionais de saúde que exerceram papel fundamental no combate à pandemia, a profissão da enfermagem ganhou visibilidade em sua atuação na linha de frente (NAVARRO; OLIVEIRA, 2023). A área da enfermagem é uma área nuclear no campo do cuidado e possui mais da metade dos profissionais de saúde que atuam no Brasil, sendo subdividida nas categorias de enfermeiro, técnico de enfermagem e auxiliar de enfermagem. Apesar da importância dessa profissão, a enfermagem está relacionada a um baixo status social, condições de trabalho precárias, baixos salários e jornadas de trabalho exaustivas, situação que foi agravada com a pandemia. A exemplo disto, os profissionais de enfermagem representaram o maior percentual de mortes dentre os trabalhadores da área de saúde: 70% eram técnicos ou auxiliares de enfermagem e 24% eram enfermeiros.

Ressalta-se que, apesar de todo sacrifício realizado antes, durante e após a pandemia, a categoria profissional ainda vem enfrentando lutas para ter direitos trabalhistas que confirmem dignidade à profissão, como a instituição legal do piso salarial e da jornada de trabalho, bem como entraves políticos e ameaças

institucionais, como de demissões em massa (NAVARRO; OLIVEIRA, 2023). A narrativa de heróis e heroínas dada aos enfermeiros durante parte da pandemia teve como revés o encobrimento de uma realidade exaustiva, de crises e falta de condições dignas de trabalho, potencializada pela crise pandêmica (NAVARRO; OLIVEIRA, 2023). Portanto, entende-se que a pandemia da COVID-19 provocou uma ruptura global do *status quo*, em especial aos profissionais da enfermagem atuantes nas UTIs, desvelando um cenário de vulnerabilidades físicas, emocionais e sociais.

A partir dessas reflexões, destacamos o pensamento de Tania Zittoun e colaboradores, que vêm explorando a imaginação como um processo cognitivo sociocultural que permite a expansão da experiência do sujeito, propondo um modelo sociocultural de conceituação da imaginação (ZITTOUN; CERCHIA, 2013; ZITTOUN; GILLESPIE, 2016). De acordo com Zittoun e Cerchia (2013), o imaginar é um processo que se desdobra no tempo, isto é, algo provoca a imaginação, que se desenvolve de forma independente e, eventualmente, a pessoa retorna ao momento presente, geralmente com algo novo adquirido durante essa excursão. Nessa compreensão, imaginar é se distanciar de circunstâncias presentes explorando e integrando o passado, o futuro e alternativas possíveis. Os autores supracitados conceituam o processo imaginativo como um *loop*.

O *loop* se inicia com o desprendimento do aqui-e-agora da experiência, submissa à causalidade e à linearidade temporal, para explorar experiências alternativas livres dos limites lineares e causais, sendo finalizada com um re-acoplamento à realidade. Ao conceituar a imaginação como um *loop* entendemos que ele se dá em uma sequência temporal, com gatilhos, recursos e desfechos. Gatilhos podem ser considerados rupturas, ou seja, mudanças abruptas que abalam o que é dado como certo, que convocam a pessoa a conceber futuros alternativos e provocam a imaginação (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016).

O *loop* é, inicialmente, composto de 3 dimensões: 1) a temporalidade; 2) grau de generalidade; e a 3) grau de im/plausabilidade (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016). A primeira dimensão do *loop* diz respeito à orientação temporal da imaginação, que se desconecta da realidade circunscrita ao tempo linear e causal, e permite a exploração de experiências no passado, no futuro e até mesmo em um tempo que poderia existir. A segunda dimensão, grau de generalidade, é o espaço entre o aqui-e-agora concreto e experiências mais gerais, que não se traduzem imediatamente em ações operacionais. A terceira dimensão, o grau de im/plausabilidade, se refere a imaginações que se afastam ou se aproximam do que poderia ser possível, considerando a

realidade compartilhada socialmente. A exemplo disso uma enfermeira imagina que pode transmitir doenças, como a Covid-19, para a família (grau de plausibilidade), e para evitar tal situação, ela imagina a possibilidade de não ir para casa após o plantão de trabalho (dimensão temporal) alugando um apartamento para ser uma moradia temporária (grau de generalidade).

Tendo em vista que a imaginação pode prover para o sujeito tanto a liberdade para escapar de seus arredores, quanto as capacidades necessárias para transformar o seu ambiente (GENIUSAS, 2015), pensamos em como os aspectos contextuais que atravessam os profissionais de saúde envolvem uma compreensão do trabalho. Pois, as rupturas e mudanças provocadas pela pandemia, provocaram impactos na vida destes trabalhadores e foram criadas situações de instabilidade e ameaças. A vivência da incerteza destes profissionais acerca do porvir vem sendo destacada na literatura (FIORILLO; GORWOOD, 2020).

Nesse cenário, é esperado que o profissional de enfermagem seja capaz de realizar uma diversidade de tarefas que envolvem o cuidar do outro e prestar assistência ao paciente, contudo, o trabalho não é limitado apenas à execução realizada ou previamente prescrita. Como diz Dejours (2012): “o caminho a ser percorrido entre o prescrito e o efetivo deve ser a cada momento inventado ou descoberto pelo sujeito que trabalha”. (p. 25).

É inegável que o trabalho pode ser visto como fundamental na constituição do sujeito e comporta investimentos simbólicos na relação do trabalhador com o mundo, vivenciado de forma particular por cada um. O trabalho, portanto, como parte do mundo externo, pode significar fonte de prazer ou de sofrimento, pois, muitas vezes os trabalhadores não têm a possibilidade de realizar ações desejadas, obter reconhecimento e criar novidades. Para discutirmos mais, abordaremos alguns pontos da teoria da psicodinâmica do trabalho, que tem em Dejours (1983) seu principal representante, e teve como foco de estudo compreender a relação do sofrimento gerado pelo trabalho e as defesas contra esse sofrimento.

Christophe Dejours é considerado o pai da psicodinâmica do trabalho e busca compreender os aspectos subjetivos que são impulsionados a partir das relações e da organização do trabalho (LANCMAN; UCHIDA, 2003). Como tal, é uma disciplina clínica e teórica de descrição e conhecimento das relações entre trabalho e saúde mental (DEJOURS, 2012). Dejours (2012) aponta que o trabalho, além de uma atividade, é uma relação social que se dá em um mundo caracterizado pelas relações de domínio e poder. Assim, o que há de mais essencial no trabalho não é visível

ou quantificável. Além disso, postula-se a diferença entre o trabalho prescrito, designado por normas e procedimentos, e o trabalho real, que é o que acontece na realidade concreta da situação, na experiência social, temporal. Um trabalho limitado à pura execução do que foi prescrito é fadado ao colapso (DEJOURS, 2022).

São nos fracassos do trabalho prescrito diante da realidade, que surge a inteligência prática do sujeito, inventiva para superar o que falhou e criar o trabalho real que é intuitivo, adaptativo e dinâmico (DEJOURS, 2004). Dejours (2022, p. 16) pontua: “trabalhar, aqui, é continuar indefinidamente a buscar, a recomeçar e sobretudo, a encontrar uma solução. [...] às vezes, inventar uma solução possível.”

Se entre o trabalho prescrito e o efetivo existe um hiato imprevisível que demanda ao sujeito inventar o caminho a ser percorrido, é possível enxergar a imaginação como parte fundamental desse processo de criação. Afinal, as rupturas vivenciadas pelo sujeito, ao se deparar com caminhos inesperados provocam o início de um *loop* imaginativo (ZITTOUN, 2012). E o real se apresenta ao sujeito por meio de um efeito surpresa, nem sempre agradável, isto é, se apresenta de um modo afetivo. Por isso, compreender os processos psíquicos mobilizados pela exposição do trabalhador à organização do trabalho e como ele imagina que fará, é importante para conhecer como cada trabalhador cria seu repertório de escolhas e condutas que definirão suas atividades realizadas.

A exemplo disso, podemos pensar na atuação dos profissionais de saúde durante a pandemia, que, devido a nova obrigatoriedade, foi necessário o isolamento social e o afastamento das atividades de trabalho após a confirmação da contaminação pela Covid-19. Em meio a esse contexto, foram noticiadas ações de trabalhadores da saúde que fizeram paralisações contra a falta de equipamentos de proteção dentro dos hospitais, necessários para que eles pudessem exercer seus trabalhos de modo mais seguro. Assim, tem-se a imaginação gerando desfechos criativos e transpondo o hiato entre o trabalho prescrito (afastamento em caso de adoecimento) para o real (sem recursos de proteção, o risco de contaminação é recorrente, logo, a ideia foi fazer uma mobilização social).

Desse modo, o real do trabalho se deixa conhecer sob a forma do fracasso: tentar fazer algo que não funciona ou não sai como o esperado. Tal experiência é desagradável, dolorosa e se experimenta afetivamente em um corpo que sofre. Pois, todo trabalho tem a resistência do real, logo, o trabalho está conectado ao poder do trabalhador em sentir, pensar, inventar, criar e recriar a sua práxis cotidiana. A esse respeito, Dejours (1999), diz:

Quando a qualidade de meu trabalho é reconhecida, também meus esforços, minhas angústias, minhas dúvidas, minhas decepções, meus desânimos adquirem sentido. Todo esse sofrimento, portanto, não foi em vão; não somente prestou uma contribuição à organização do trabalho, mas também fez de mim, em compensação, um sujeito diferente daquele que eu era antes do reconhecimento (DEJOURS, 1999, p. 34).

Como dito, a Covid-19 alterou o cotidiano de grande parte das sociedades, incluindo os profissionais de saúde. Nesse contexto, a capacidade de imaginar o que pode acontecer no futuro pode auxiliar na construção de planos e decisões, participando não somente no desenvolvimento psicológico, mas também em mudanças sociais e culturais, na criação de ideias e ações (ZITTOUN, 2018). Dessa forma, conhecer como profissionais de saúde imaginam seu futuro nos permite refletir sobre como estes profissionais estão dialogando, construindo, realizando e criando ações que os auxiliam na projeção futura e do aqui-e-agora de suas atividades para além do prescrito, bem como permite conhecer a transformação das práticas profissionais imaginadas por eles. Assim, este estudo teve por objetivo investigar como enfermeiras intensivistas que atuaram em uma unidade de tratamento para pacientes com Covid-19 expandem sua experiência e antecipam seu futuro profissional.

MÉTODO

Este estudo foi pautado a partir da investigação realizada na dissertação de mestrado intitulada “A Covid tá bem, a gente é que não tá: Enfermeiras intensivistas da linha de frente em um hospital de referência para Covid-19 na cidade do Recife revisitando o passado e antecipando o futuro”, produzida pela pesquisadora principal deste capítulo. Dessa forma, este trabalho se configura como um recorte de dois estudos de caso apresentados na referida dissertação, construído a partir de uma perspectiva qualitativa e idiográfica de pesquisa.

Participaram desta pesquisa duas profissionais de saúde, uma enfermeira e uma técnica de enfermagem que atuaram na UTI de tratamento para pacientes com a Covid-19. Para fins éticos, os nomes reais das participantes foram alterados para os codinomes Florence e Ana. As profissionais participantes fazem parte da equipe de um hospital da cidade do Recife. Neste hospital, durante os anos de 2020 a 2022, foram reservados entre dez e vinte leitos de terapia intensiva para pacientes infectados pelo novo coronavírus.

Foi utilizada uma combinação de instrumentos a fim de captar diferentes nuances da vivência das participantes: i) um questionário sociodemográfico; ii) entrevistas semiestruturadas e iii) uma Cápsula do tempo, um invólucro ou conjunto de itens e mensagens escolhidos pelo participante a fim de ser resgatado em algum momento futuro. A construção da Cápsula do tempo foi desenhada para ser de produção livre, com materiais próprios de preferência das participantes.

A construção de dados se deu em dois encontros individuais e realizados de forma remota pela plataforma de reuniões de vídeo on-line **Zoom**. O **primeiro encontro** teve como objetivo conhecer a história de vida da profissional, seu contexto social e aspectos ligados à esfera profissional da sua vida, tanto antes como durante a pandemia. Para tanto, foi utilizado o questionário sociodemográfico e, em seguida, realizada a primeira entrevista semiestruturada. No **segundo encontro** foi explorada a Cápsula do Tempo elaborada por cada participante e foram feitas perguntas voltadas às projeções de futuro de cada profissional.

Todos os encontros entre as participantes e a pesquisadora foram gravados e, posteriormente, transcritos em sua totalidade. A análise de dados se baseou no referencial teórico sociocultural, articulando o modelo de **Loop** Imaginativo de Zittoun e colaboradores com o estudo da psicodinâmica do trabalho de Dejours. Este estudo esteve em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e aprovado pelo comitê de ética (CAAE nº 60196522.0.0000.5205).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A participante de codinome Ana tem 29 anos, é filha única e teve participação ativa dos pais e da avó na sua criação. Atualmente, mora com sua companheira, com quem mantém união estável, e a entrevistada é a principal provedora da casa. Ela é pós-graduada em Enfermagem em Terapia Intensiva e trabalha como enfermeira de UTI há três anos. Além do hospital em que se deu o estudo, em que atuava como enfermeira diarista (30 horas/semanais), Ana estava empregada em outro hospital de referência para a Covid-19, com escala de plantonista 12/60 horas, totalizando uma média de 66 horas semanais de trabalho e com a remuneração total em torno de 3 salários mínimos. À época da entrevista, Ana atuava há um ano e oito meses no combate à pandemia, tendo sido diagnosticada duas vezes com a doença. Nas duas vezes Ana apresentou quadros leves de sintomas da doença. Já

a sua companheira, que também contraiu Covid-19, desenvolveu um quadro grave e foi necessário interná-la por algumas semanas. Ela, porém, conseguiu se recuperar.

A segunda participante, Florence é uma mulher de 35 anos, divorciada. Sua rede familiar é composta por pais, irmãs e um filho adolescente. Reside com seu filho e é a provedora da casa. Anos após o nascimento do seu filho, Florence formou-se no ensino médio e no curso técnico em enfermagem. Atua nesta área há nove anos e há cinco está empregada no hospital no qual foi feita a pesquisa. Além deste emprego, ainda trabalha em outro hospital de referência para Covid-19. Em ambos trabalha sob regime de plantão 12/36 horas, totalizando a carga horária aproximada de 96 horas semanais pelas quais recebe, no total, aproximadamente 3 salários mínimos. Trabalhou nas UTIs Covid-19 dos dois hospitais desde o início da pandemia. Florence nunca foi diagnosticada com Covid-19 e, embora tenha havido casos em sua família, nenhum adoeceu gravemente. À época da pesquisa, havia recém concluído a graduação em enfermagem, contudo ainda não exercia essa função.

As histórias das participantes, em suas particularidades, ressoam com alguns aspectos do contexto sociocultural da profissão de enfermagem no Brasil: majoritariamente composta por mulheres jovens, provedoras de suas casas que, devido a desvalorização e baixa remuneração, precisam ter mais de um vínculo de trabalho para ter condições de sustentar financeiramente a si e suas famílias, culminando em excessiva carga e jornada de trabalho (NAVARRO; OLIVEIRA, 2022).

Tendo esse contexto como pano de fundo, passemos às experiências de suas atuações profissionais durante a pandemia. Em sua primeira entrevista, a participante Ana relatou sua vivência após o início de sua atuação em uma UTI para pacientes diagnosticados com a Covid-19, como no fragmento 1:

Entrei pela primeira vez na UTI Covid. Morrendo de medo, com receio, vendo gente morrendo a todo momento. Eu chegava em casa, tinha que tomar banho dos pés à cabeça, a roupa... era banheiros diferentes, a roupa tinha que lavar logo, era um sacrifício, que eu espero não voltar mais. Eu trabalhava com a cabeça a mil. Sonhava de noite até, com as coisas, sonhava com bomba apitando... tinha taquicardia, tinha aquela ansiedade... daí começou a colegas da gente pegar Covid também. Eu já ia trabalhando com medo, tinha dobras, então era bem desgastante no início. Via familiares, assim, chorando, gente adolescente, 18 anos, morrendo por nada... Tinha nada e, de repente, por conta de um Covid, intubada... eu digo 'meu Deus do céu'. Foi assim, no início foi muito complicado. [...] Eu digo que espero que o Covid não volte.

Ao falar de suas primeiras experiências na linha de frente, Ana destaca o medo e o acompanhamento de muitas mortes. Também ressalta o desgaste pelo aumento da necessidade de “dobras”, ou seja, quando o enfermeiro tem de trabalhar por dois ou mais turnos consecutivos, ininterruptamente, diante da ausência de outro profissional para assumir o plantão. Corroborando com o relato, Navarro e Oliveira (2023) afirmam que, na pandemia, tornou-se manifesto o desgaste físico e emocional das enfermeiras, em jornadas exaustivas de trabalho, contato constante com a morte e o medo de serem vetores de transmissão.

Destacamos ainda a expectativa de Ana de que a pandemia não retorne: **“Eu digo que espero que o Covid não volte”**. O receio de Ana sobre a hipótese da Covid-19 voltar a causar impactos profundos na sociedade toma contornos plausíveis dentro da dimensão da im/plausibilidade, tendo em vista que especialistas afirmam o risco progressivamente maior do surgimento de novas pandemias com a globalização cada vez mais avançada (INSTITUTO BUTANTAN, 2021). Contudo, ter a esperança de um futuro sem o coronavírus também faz parte de seu imaginar, sendo a esperança uma atividade imaginativa que auxilia na adaptação aos desafios enfrentados (WINTHER-LINDQVIST, 2017).

Entretanto, nem sempre a imaginação promoveu efeitos imediatos de adaptação. À semelhança de Ana, Florence descreveu o difícil cenário vivenciado na pandemia e suas repercussões. Para Florence, contudo, a experiência de proximidade com a morte disparou e alimentou sua imaginação levando a um desfecho de comportamentos de negligência acerca de seu autocuidado e em um estado emocional marcado pela ansiedade e pela crença na iminência de sua própria morte, como pode ser observado no fragmento 2:

Eu não queria pensar muito nessas coisas, mas infelizmente com a pandemia os pensamentos mudaram muito. [...] a gente começa a pensar mais no futuro. Pensar tanto, que desenvolve ansiedade. [...] Chegou um momento em que eu tava... “pra que é que eu vou me cuidar hoje? Pra que eu vou fazer uma hidratação no meu cabelo? Pra que eu vou pra academia, se eu vou morrer?”.

Florence menciona que, conquanto sempre tenha tido consciência da realidade da finitude, a proximidade com a morte decorrente da pandemia gerou questionamentos e reflexões acerca de seu futuro. Durante a pandemia, a imaginação de Florence alimentou e foi alimentada por sentimentos de medo e ansiedade à medida em que imaginava cenários de sua morte iminente. Como ressalta Vygotsky

(2004) as emoções podem influenciar a imaginação tanto quanto a imaginação pode influenciar as emoções.

A experiência imaginativa de Florence neste fragmento é importante para perceber como a imaginação também pode se apresentar vinculada a conteúdos ansiogênicos que levam a um sofrimento psicológico. Contudo, Zittoun (2021) acredita que respostas emocionais que tendem a ser desadaptativas não ocorrem por conta da imaginação em si, mas que: “o inimigo da razão e da regulação emocional em tempos de incerteza não é a imaginação e a fantasia; é a ausência de recursos simbólicos o suficiente para permitir, conter e guiar a imaginação” (p.47, **tradução nossa**).

Desse modo, seguindo o pressuposto de Zittoun (2021), consideramos que a resposta para lidar com a imaginação ansiogênica não seria tentar impedir o imaginar; antes, seria enriquecer o imaginar, promovendo o acesso a recursos simbólicos, ou seja artefatos culturais como livros, músicas, filmes, entre outros, que possam mediar simbolicamente a imaginação, tornando-a mais proveitosa e menos dolorosa para o sujeito.

Na segunda entrevista, as participantes apresentaram suas Cápsulas do Tempo, produções endereçadas ao futuro. Florence escolheu produzir uma carta que foi armazenada em um envelope endereçado à pesquisadora e que segue transcrita:

Cápsula do Tempo, 19 de Dezembro de 2022.

*Não posso prever o futuro, porém tenho como traçar metas para serem alcançadas e aqui vou descrever algumas referentes ao meu lado profissional: 1º Terminar minha pós em 07/07/23; 2º Estar fazendo parte da equipe de Emergência do Trauma do Hospital *** sendo ele remunerado ou não. Obs.: para conseguir experiência na minha área. Até 01/08/23 quero ter alcançado este objetivo.*

Ao comentar sobre sua produção, Florence ressaltou que, mesmo diante da impossibilidade de prever o futuro, tinha metas planejadas, incluindo seus projetos de educação contínua, e detalhou sobre seus planos, como é possível notar no fragmento 3:

Primeiro, [gostaria de] terminar a minha pós-graduação [...]. Eu tenho até 1 ano pra terminar, mas eu pretendo terminar em 6 meses, vai depender de como eu vou estudar. [...]. E o segundo... que é uma meta mais... eu acho que um pouco mais difícil, que vai ser pra alcançar é... Estar fazendo parte da equipe da emergência

do trauma do Hospital ***. [...] [nem que seja] um estágio não remunerado. Pra poder obter experiência. Vai ser um desafio pra mim. No ano de 2023 eu não sei se essa meta que eu tracei aqui vai ser bem-sucedida. Mas eu vou tentar. [...] Essas duas metas que eu tenho em mente pra serem alcançadas. Confio que vai dar tudo certo.

No espaço imaginativo podem ser ensaiados os sentimentos e as possibilidades, auxiliando na construção e execução de planos e projetos. Produzir e contar sobre a carta foram os gatilhos para o início do seu **loop**, que foi alimentado por suas experiências, ideias e desejos acerca de seu desenvolvimento na carreira. Florence, recém graduada em enfermagem, afirmou seu desejo de especializar-se em sua área e imaginou-se realizando este projeto a curto prazo: **“Primeiro, [gostaria de] terminar a minha pós-graduação [...]. Eu tenho até 1 ano pra terminar, mas eu pretendo terminar em 6 meses”**. Nesse momento, seu **loop** é projetado para o futuro, com alto grau de especificidade e de plausibilidade.

Ana, por sua vez, também escolheu produzir sua cápsula do tempo em forma de carta, transcrita abaixo:

De: Eu do presente/Para: Eu do futuro

Oi Ana, difícil falar do futuro quando ele tá tão próximo, o tempo passa, passa, passa num piscar de olhos. Tudo a nossa volta muda. Até ontem não havia tantas responsabilidades, as coisas mudam né?

O sonho de ser enfermeira conseguimos, mas ainda temos muitos outros, espero ter realizado alguns. Se encoraje mais, você pode ser o que quiser, quer fazer residência, seguir carreira militar, faça, és capaz, não sinta medo. Faça sempre escolhas que te deixará feliz. Deixe de insegurança, a vida tem seus altos e baixos. Estou feliz da enfermeira que somos, terminando uma especialização, mas com outros sonhos que sei que vamos conseguir. Mas uma coisa não mudamos, né? Vou trabalhar isso, essa empatia que sentimos com o outro, vamos sempre ter. Encorajar também nossos colegas e não desanimar nenhum paciente nosso. Lutar sempre por eles, tratar todos como queremos ser tratados caso precise. Dar o bem sem olhar a quem. Por fim, obrigada! Seguimos na luta.”

Endereçada de “Eu do presente” para “Eu do futuro”, Ana conversou consigo mesma, se encorajando e reafirmando valores pessoais. Assim como Florence, Ana apresentou seu projeto de futuro vinculado à continuidade da educação, em estudos e cursos de pós-graduação o que está explicitado no fragmento 4 abaixo:

Tem tantos sonhos que eu penso para o futuro, que eu preciso começar de agora. Porque não adianta só a gente se formar. Aí tô terminando agora a especialização

em UTI e, pra mim, eu quero mais. O mais breve possível. Porque a gente não pode deixar as coisas tão pra frente, porque a gente não sabe o que vai acontecer no dia de amanhã. Amanhã eu não sei se a gente tá aqui. Tudo muda, né? [...]. Já pensei bastante em fazer residência.

Neste fragmento 4 é possível observar que o imaginar de Ana foi nutrido pelas experiências passadas culminando na concepção de que, diante da finitude escancarada pela pandemia, é necessário priorizar a execução de seus planos: ***“Porque a gente não pode deixar as coisas tão pra frente, porque a gente não sabe o que vai acontecer no dia de amanhã”***. Sua memória da pandemia alimentou a imaginação, que depende e utiliza dos conteúdos memorizados para criações de infinitas possibilidades (VYGOTSKY, 1996; 2004).

Além disso, na narrativa de Ana, a importância da continuidade na educação fica explícita em sua afirmação: ***“não adianta só a gente se formar”***. O que Ana expressa é corroborado na revisão de literatura feita por Ferraz, Vendruscolo e Marmett (2014) em que diversas pesquisas apresentam profissionais da enfermagem que concordam com a necessidade de manter-se constantemente atualizados em seus processos educacionais.

Nos fragmentos 3 e 4 acima, encontramos nas narrativas das participantes a educação como projeto de futuro. A educação está presente no dia a dia dos sujeitos, que passam por processos de ensino e aprendizado nos mais diversos locais, incluindo o ambiente de trabalho (ARNEMANN et al., 2018). A PNEPS se baseia na aprendizagem significativa e na reflexão acerca das práticas de trabalho, promovendo o pensamento crítico sobre a realidade e a construção e reconstrução do conhecimento (SILVA et al., 2016; ARNEMANN et al., 2018).

Nesse sentido, a EPS é uma estratégia de mister importância para atualização e qualificação das equipes (ARNEMANN et al., 2018). A exemplo disso, Florence imagina a possibilidade de realizar um estágio em hospital de referência da cidade buscando o aprendizado pelo trabalho: ***“um estágio não remunerado. Pra poder obter experiência”***. Uma das possibilidades dentro da EPS é a Educação em Serviço (ES), como no caso de um estágio supervisionado citado por Florence. A ES objetiva o desenvolvimento possibilitando um espaço de correlação entre prática e ensino (ARNEMANN et al., 2018).

Assim como Florence, Ana aponta o desejo de aprendizado pelo trabalho em um programa de Residência em Saúde (RS), embora este apareça como projeto hipotético ainda não realizado e com alto grau de generalização, ou seja, sem que

Ana imagine formas concretas e operacionais de como o colocar em prática na realidade primordial: *“Já pensei bastante em fazer residência”*. As RS têm como objetivo a formação de profissionais para atuação no SUS, pressupondo a construção interdisciplinar da prática profissional e sendo espaço da EPS, com um modelo de ensino-aprendizagem que ocorre simultaneamente aos atos cotidianos dos serviços (SILVA et al., 2016; SOBRINHO; LEMOS, 2021).

Arnemann e colaboradores (2018, p.2) compreendem a educação em saúde como “uma possibilidade de cuidado essencial na prática cotidiana, na qual o enfermeiro pode expandir de forma significativa a sua parcela de contribuição no cuidado aos usuários, às famílias e à comunidade”. Além disso, os autores afirmam que na enfermagem ações de educação são caracterizadas por espaços educativos dialógicos que incentivam a transformação da realidade por meio de conhecimento e reflexão.

Nesse sentido, é relevante destacar como as projeções de futuro das participantes se coadunam com a importância da continuidade da educação para as suas atuações. Contudo, também sinalizam os obstáculos para a realização de seus projetos advindos de dificuldades encontradas em suas profissões. Na revisão de literatura feita por Ferraz, Vendruscolo e Marmett (2014), diversos estudos apontavam para as dificuldades da aplicabilidade da EPS entre os enfermeiros tendo em vista a sobrecarga das demandas do trabalho e os impasses institucionais, sendo necessário que as instituições atuem no sentido de criação de espaços educacionais com métodos que dialoguem com a realidade enfrentada pelos enfermeiros.

Miccas e Batista (2014) ressaltam, entre as dificuldades de efetivação da EPS, a baixa disponibilidade dos profissionais devido a intensa carga de trabalho. A exemplo disso, temos o fragmento 5 onde Ana aborda a baixa remuneração atrelada à sua profissão, apesar da sua carga de trabalho, o que muitas vezes dificulta sua busca por seus projetos de futuro e interfere até mesmo em sua qualidade de vida:

Só que, quando a gente se forma, principalmente acho que na minha área, a gente só pensa em plantão, plantão, plantão, ganhar dinheiro... então a gente acaba deixando, ‘não, depois eu faço’. Só que daí o tempo passa tão rápido, né? [...] Toda vez eu digo vou tentar e não consigo... Eu quero melhorar de vida, eu quero seguir outras coisas que me deixam feliz, mas também que me remunerem bem. Porque a gente trabalha tanto, mas não tem qualidade de vida. Então o que eu busco é qualidade. O que eu quero no futuro é ter qualidade de vida. Coisas que eu não tenho agora.

O relato da experiência de Ana encontra corroboração no que vem sendo registrado na literatura. Ainda não se há um real reconhecimento, nem social, nem pautado em leis trabalhistas e remuneração justa, da importância das enfermeiras nos serviços de saúde (NAVARRO; OLIVEIRA, 2022). O resultado deste cenário pode ser encontrado na narrativa de Ana, ao descrever em sua experiência o que pesquisas vêm mostrando: que a qualidade de vida dos trabalhadores de saúde tem piorado (MACHADO *et al.*, 2023). Tavares (2006) afirma que o enfermeiro, para conseguir uma melhor qualidade de vida é obrigado a trabalhar e simultaneamente se educar, o que constitui um desafio devido a sobrecarga de trabalho.

Florence pontua outro desafio vivenciado que repercute na dificuldade de seguir em suas metas: a desvalorização da sua profissão, como observado no fragmento 6:

Sempre é o que o povo mais comenta e sente né, a desvalorização do trabalho em si. A enfermagem passa 24h com o paciente... [...] E daí, por essa questão integral de tempo, eu imaginava que teria um certo respeito, mas eu percebi que ao invés de ter respeito, uma certa valorização, eu percebi que realmente não temos...

No trecho sublinhado, Florence se queixa de não receber reconhecimento social. Dejours (2012) destaca que o trabalhador, ao oferecer uma contribuição, almeja uma retribuição. Tal retribuição inclui o salário, mas espera-se também uma retribuição simbólica que, de acordo com Dejours, “toma uma forma extremamente precisa: o **reconhecimento**” (p. 39, grifo do autor) e é este “reconhecimento [que] pode transformar o sofrimento em prazer” (p. 40). Para Dejours (2004), o prazer no trabalho está no encontro do reconhecimento da contribuição do sujeito. Tal prazer é fundamental para a saúde plena do indivíduo.

Discutir o acesso à EPS pelas enfermeiras é também falar de reconhecimento: O papel de educador e educando do profissional de enfermagem muitas vezes é desvalorizado no trabalho (ARNEMANN *et al.*, 2018). A não consideração dos processos de EPS voltados ao cotidiano dos enfermeiros traduz-se como desvalorização desses trabalhadores, além de ser contrário às atuais políticas preconizadas pelo SUS (FERRAZ; VENDRUSCOLO; MARMETT, 2014).

A consolidação da EPS é especialmente importante quando se trata de instituições de alta complexidade (ARNEMANN *et al.*, 2018). Contudo, o hospital que foi local deste estudo não contava com centros ou núcleos de ensino, não realizava ações planejadas e recorrentes de educação e não disponibilizava espaços para tal.

Instituições hospitalares que possuem Núcleos de EPS e/ou desenvolvem ações de educação contínuas, por exemplo, facilitam o acesso e fortalecem a EPS nos hospitais, tornando-se estratégias para transformação e motivação no trabalho, possibilitando melhor qualidade de vida dos sujeitos envolvidos, desde o profissional até o usuário do serviço de saúde (ARNEMANN et al., 2018).

É importante constatar que, mesmo com a presença dos desafios das experiências da pandemia, baixa qualidade de vida, baixa remuneração e intensa carga de trabalho, as participantes mantiveram a esperança ao imaginar a possibilidade de melhorias em suas profissões, bem como o desejo de seguir em suas carreiras e desenvolver projetos educacionais. A permanência em suas profissões pode estar ligada ao prazer experienciado em seus trabalhos e a gradual construção de suas identidades pessoais também por meio de suas atuações. A exemplo disso, tem-se o fragmento 7 da narrativa de Ana:

No meu futuro, espero ter crescido bastante profissionalmente, em conhecimento [...] UTI é uma paixão já. Acho que não me vejo em outro local a não ser UTI. Mas, se for pra buscar outros ares sem ser, a gente também vai. Porque a gente se doa bastante, trabalha bastante, e muitas vezes a gente não é reconhecido. Mas, assim, sou muito satisfeita com minha profissão, gosto. Então, não me arrependo de nada. Se fosse pra fazer enfermagem, faria de novo.

Ana e Florence trouxeram, ao fim, suas perspectivas de como acreditavam que as experiências vividas durante a pandemia poderiam influenciar em seus futuros profissionais. No fragmento 8, Florence afirmou:

Eu acredito que vai influenciar de uma forma positiva. Pelo fato de eu já ter passado por coisas piores. [...] Ela só vai influenciar de forma positiva, pelo fato de eu ter chegado até aqui e não ter desistido. Então é mais uma motivação de força mesmo porque, momentos difíceis, eu já passei muitos. E com eles vieram a... a experiência. Então na pandemia, eu pude adquirir muita experiência como enfermeira mesmo sem ter terminado. [...] Eu pude fazer na pandemia muitas coisas que já eram atribuídas ao enfermeiro, então isso ajudou muito pra experiência que eu tenho hoje.

No fragmento 9, Ana disse o que acreditava que a pandemia impactou em seu futuro:

No momento... que a vida é um sopro. A gente passou por tanta coisa nessa pandemia, perdendo pessoas, pessoas que a gente nem imaginava... a vida é um sopro. Se eu não seguir agora, vai que tem uma outra pandemia aí... Deus me livre... e a

gente sofra tudo isso. E eu não tenha conseguido avançar como eu queria. Ou, sei lá, eu não poder mais atuar na minha área por qualquer outra coisa que possa ter me acometido. Tem que ser o agora.

Para Ribeiro e colaboradores (2022), durante a pandemia, em muitos profissionais se aflorou potencialidades da identidade profissional antes negligenciadas, como a criatividade e a resiliência. Desse modo, as participantes revisitaram a pandemia também em seus aprendizados e anteciparam seu futuro profissional imaginando-se fortalecidas e preparadas pelo que vivenciaram para enfrentar os novos desafios que as aguardam.

Assim, é possível compreender que o estado de sobrecarga do sistema de saúde e a alta mortalidade decorrente da pandemia, gerou momentos de árduo manejo para as participantes, com impactos negativos na saúde mental. Contudo, os desafios experienciados na pandemia também forjaram nelas a crença de que foram capazes de aprender e continuar exercendo suas profissões mesmo em meio ao difícil cenário. Permaneceram atuando como enfermeiras e, a partir do que foi vivenciado, imaginam um futuro em que estarão mais preparadas para dificuldades e continuarão se capacitando, aprendendo e alcançando seus objetivos.

Entendemos ainda que as experiências da pandemia também foram fundamentais para que a educação surgisse, com urgência, em seus projetos de futuro. Os planos de capacitação e estudos contínuos são consonantes com o que preconiza a PNEPS, ou seja, com um constante pensamento crítico sobre a realidade e as práticas de trabalho. Todavia, destacamos os desafios que se apresentaram, decorrentes da intensa carga de trabalho, baixa remuneração e ausência de espaços dialógicos educativos, a fim de refletirmos a importância do reconhecimento social para as enfermeiras, inclusive em seus papéis de educadoras e educandas. É este reconhecimento que pode promover o prazer no trabalho e evitar o adoecimento psíquico (Dejours, 2012; 2022), possibilitando e promovendo o investimento afetivo e cognitivo dos profissionais de enfermagem em suas atuações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo apontamos que, no desenvolvimento desta pesquisa, as participantes tiveram espaço para falar de suas vivências, pensamentos, reflexões e projeções acerca de suas experiências de serem profissionais de enfermagem, especialmente atravessada pela pandemia. E, embora tenham arriscado

suas vidas no exercício de suas profissões, abordaram sobre a falta de reconhecimento e valorização de seus trabalhos.

É possível compreender como os processos imaginativos das participantes influenciam em suas atuações profissionais: resgatando o que vivenciaram na pandemia, imaginam seus futuros como enfermeiras com confiança em suas capacidades profissionais e seguem fazendo planos com urgência de os colocar em prática devido a imprevisibilidade do futuro salientada pela pandemia. Assim, os achados deste estudo corroboram com a concepção da psicologia sociocultural a respeito da imaginação: que se configura como uma função mental superior, de valor intrínseco, e que exerce um papel central em mudanças individuais e coletivas (ZITTOUN; CERCHIA, 2013). Ressaltamos também como a teoria da psicodinâmica do trabalho enriqueceu a discussão dos dados, facilitando o lançar luz sobre os conteúdos abordados nos processos imaginativos das participantes, bem como sobre aspectos de seus contextos socioculturais que dizem respeito ao trabalho.

Destacamos a urgência de políticas públicas e marcos legais que propiciem o reconhecimento social, político e institucional para a área de enfermagem, como por exemplo, sendo concretizado legalmente o piso salarial da categoria, a obrigatoriedade de condições ambientais de trabalho dignas e de qualidade, e a regulamentação de jornadas de trabalho. Além disso, ressaltamos a importância da aplicação prática das políticas já estabelecidas, como a PNEPS, que em sua proposta de uma prática de trabalho envolvida com a articulação de saberes e com o pensamento crítico, promove a melhoria dos serviços e a própria experiência dos profissionais com suas práticas.

Ademais, a partir das histórias das participantes, esperamos que este estudo possa contribuir para o reconhecimento social das enfermeiras e do seu papel fundamental na luta contra a Covid-19; reforçar a sua luta por condições trabalhistas dignas e justas; fornecer mais dados e ferramentas para estratégias de cuidado com estas profissionais; e evitar que a narrativa histórica da pandemia omita os desgastes vivenciados pelas enfermeiras em suas atuações. Por fim, pontuamos a necessidade do fortalecimento e efetivação de políticas públicas que proporcionem melhores condições de acessibilidade na oferta de cursos, espaços dialógicos para uma educação e promoção do pensamento crítico, espaços para fortalecimento da identidade profissional, e iniciativas para reconhecimento político-institucional, viabilizando a concretização da educação permanente que já é presente e desejada no imaginar das profissionais sobre seu futuro, pois, como afirmam Zittoun e Gillespie

(2016, p. 11, tradução nossa): “a imaginação contém as sementes do que poderá se tornar real amanhã”.

REFERÊNCIAS

ARNEMANN, Cristiane Trivisoli et al. Educação em saúde e educação permanente: ações que integram o processo educativo da enfermagem. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, 2018.

AVELAR, Fernando Genovez de *et al.* Complicações da Covid-19: desdobramentos para o Sistema Único de Saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 31, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. 2023. <https://covid.saude.gov.br/>

CUSTÓDIO, L. L.; GOMES, I. L. V.; ALVES, A. R. EDUCAÇÃO PERMANENTE EM ENFERMAGEM NA COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA . Cadernos ESP, Fortaleza-CE, Brasil, v. 15, n. 1, p. 58–62, 2021.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro : FGV Editora, 1999.

DEJOURS, Christophe. Inteligência prática e sabedoria prática: duas dimensões desconhecidas do trabalho real. **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 277-299, 2004.

DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação: uma visão de conjunto. In: **C. Dejours, Trabalho vivo: trabalho e emancipação**, v. 2, 2012.

DEJOURS, Christophe. **Trabalho vivo, v. 1: Sexualidade e trabalho**. Editora Blucher, 2022.

FERRAZ, Lucimare; VENDRUSCOLO, Carine; MARMETT, Sara. Educação permanente na enfermagem: uma revisão integrativa. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 28, n. 2, 2014.

FIORILLO, Andrea; GORWOOD, Philip. The consequences of the COVID-19 pandemic on mental health and implications for clinical practice. **European psychiatry**, v. 63, n. 1, p. e32, 2020.

GENIUSAS, Saulius. Between phenomenology and hermeneutics: Paul Ricoeur's philosophy of imagination. **Human Studies**, v. 38, p. 223-241, 2015.

INSTITUTO BUTANTAN. Depois da Covid-19, será que estamos preparados para novas pandemias? 2021.

INTERNACIONAL DE SERVIÇOS PÚBLICOS. Relatório Especial: Profissionais da Saúde e a Covid-19 no Brasil em dados e gráficos. Lagom Data: Estúdio de Inteligência de Dados, 2022.

JOHNS HOPKINS CORONAVIRUS RESOURCE CENTER. Global confirmed. 2023.

LANCMAN, Selma; UCHIDA, Seiji. Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 6, p. 79-90, 2003.

LI, Wen *et al.* Progression of mental health services during the COVID-19 outbreak in China. **International journal of biological sciences**, v. 16, n. 10, p. 1732-1738, 2020.

LIMA, Sandro Gonçalves de et al. Educação Permanente em SBV e SAVC: impacto no conhecimento dos profissionais de enfermagem. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 93, p. 630-636, 2009.

LOBO, Suzana Margareth; MELLO, Patrícia M. Desafios da pandemia de coronavírus para os intensivistas brasileiros: presente e futuro. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*, v. 33, p. 339-340, 2021.

LOTTA, Gabriela *et al.* A pandemia de COVID19 e (os) as profissionais de saúde pública: uma perspectiva de gênero e raça sobre a linha de frente. **Núcleo de Estudos da Burocracia e Fiocruz**, 2021.

MACHADO, Maria Helena et al. Óbitos de médicos e da equipe de enfermagem por COVID-19 no Brasil: uma abordagem sociológica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, p. 405-419, 2023.

MICCAS, Fernanda Luppino; BATISTA, Sylvia Helena Souza da Silva. Educação permanente em saúde: metassíntese. **Revista de Saúde Pública**, v. 48, p. 170-185, 2014.

NAVARRO, Fernanda; OLIVEIRA, Rebeca Nunes Guedes de. A representação das enfermeiras na mídia antes e durante a pandemia da covid-19 no Brasil. **Enferm. foco (Brasília)**, p. 1-8, 2022.

OLIVEIRA, Eliany Nazaré *et al.* Com a palavra os profissionais de saúde na linha de frente do combate à COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. e30985145-e30985145, 2020.

OPAS, ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2023. OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19.

RIBEIRO, Anesilda Alves de Almeida et al. Impactos da pandemia COVID-19 na vida, saúde e trabalho de enfermeiras. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, 2022.

SILVA, Cristiane Trivisiol da et al. Residência multiprofissional como espaço intercessor para a educação permanente em saúde. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 25, 2016.

SOBRINHO, Jessica Aparecida; LEMOS, Emmanuely Correia; SOUSA, Vanessa Alves. Ciclos Temáticos na Residência em Saúde: uma estratégia de Educação Permanente. **Saúde em Redes**, v. 7, n. 2, p. 39-52, 2021.

TAVARES, Cláudia Mara de Melo. A educação permanente da equipe de enfermagem para o cuidado nos serviços de saúde mental. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, p. 287-295, 2006.

VENDRUSCOLO, C. et al.. EDUCAÇÃO PERMANENTE E SUA INTERFACE COM MELHORES PRÁTICAS EM ENFERMAGEM NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE. *Cogitare Enfermagem*, v. 26, p. e72725, 2021.

WINTHER-LINDQVIST, D. A. Hope as fantasy: An existential phenomenology of hoping in light of parental illness. **The psychology of imagination: History, theory and new research horizons**, v. 3, p. 151-173, 2017.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. La imaginación y el arte em la infância. Madri, Ed. Akal, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Imagination and creativity in childhood. **Journal of Russian and East European Psychology**, v. 42, n. 1, p. 7-97, 2004.

ZINGRA, K. N.; DA SILVA, A. de C. R.; FERNANDES, A. J. de M.; JUNIOR, A. G. B.; BATISTA, M. G. Educação permanente para profissionais da área da saúde como estratégia de combate ao enfretamento da pandemia de COVID-19 na região norte: relato de experiência. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 12, n. 12, p. e5745, 3 dez. 2020.

ZITTOUN, Tania. Life-Course: A socio-cultural perspective. In: **The Oxford Handbook of Culture and Psychology**. Oxford University Press. 2012. pp. 513-535.

ZITTOUN, Tania; CERCHIA, Frédéric. Imagination as expansion of experience. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, v. 47, p. 305-324, 2013.

ZITTOUN, Tania; GILLESPIE, Alex. Imagination: Creating alternatives in everyday life. In: **The Palgrave handbook of creativity and culture research**. Palgrave Macmillan UK, p. 225-242, 2016.

ZITTOUN, Tania. Symbolic resources and imagination in the dynamics of life. In: **The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology**. Cambridge University Press. 2018. p. 178-204.

ZITTOUN, Tania. Symbolic resources and the elaboration of crises. **International Journal of Psychoanalysis and Education: Subject, Action & Society**, v. 1, n. 1, p. 41-50, 2021.